



CARTA DE JUIZ DE FORA

A Expofeira Agropecuária de Juiz de Fora, realizada no mês passado, gerou uma carta aos produtores da Zona da Mata Mineira, conclamando-os a reivindicar políticas nos três níveis de governo, do municipal ao federal, em prol do melhoramento genético do rebanho leiteiro. Quem lidera este movimento é o Dr. Evandro Guimarães, importante criador naquela região.

Sou admirador desta iniciativa, por três motivos. O primeiro, por entender que é fundamental que grupos que têm interesse em comum ajam visando transformar suas demandas em políticas públicas. Aprendi que é assim que funciona o mundo, que é assim que a humanidade caminha, principalmente numa democracia. Quem me ensinou isso foram os textos do economista argentino, radicado nos Estados Unidos, Alan De Janvri, que explicam como as decisões de governo são tomadas. Elas são sempre resultantes da ação de grupos de pressão que buscam fazer valer os seus interesses.

O segundo motivo da minha simpatia é que são propostas ações coordenadas de transferência de tecnologia, e não somente uma ação isolada em prol do melhoramento genético. Afinal, não se promove salto tecnológico em nenhum processo produtivo mudando-se apenas uma variável. Completando, o terceiro motivo de simpatia é que este movimento elegeu o melhoramento genético do rebanho como pedra de transformação.

Nesse ponto, lembro que sempre que alguém propõe melhoramento genético animal no setor leiteiro, imediatamente se ouve contra-argumentos que de primeiro é preciso um programa de melhoria da alimentação, do manejo, da sanidade, da gestão... Enfim, é tanta melhoria apresentada como pré-requisito que imediatamente a conversa se perde... E assim, perpetuamos a pobreza, a grande marca dos produtores de leite brasileiros.

Sim, eles são, em larga maioria, pobres... Somente há um caminho para a riqueza, que é o aumento da produtividade. Se desejamos reverter o quadro atual, é preciso demonstrar que não é com vacas de baixa produtividade que iremos mudar o quadro de pobreza rural hoje consolidado.

O Dr. Jacques Gontijo foi o primeiro que eu ouvi argumentar que o montante do dinheiro imobilizado em animais pelos produtores vinculados a um laticínio seria muitas vezes maior do que todo o dinheiro investido naquele laticínio. Portanto, o item animais é muito caro para ser de baixa qualidade.

Por outro lado, qualquer empresário industrial ou prestador de serviços precisa atualizar continuamente as máquinas que dão suporte

ao seu processo produtivo. Se ele assim não age, os concorrentes aumentam a produtividade, reduzem custos, melhoram a qualidade do produto ou serviço oferecido e ganham espaço. Isso vale para qualquer negócio. Evidentemente, vale para a produção de leite também!

Ademais, quando um empresário compra uma máquina nova, sofisticada, ocorre uma ruptura no processo organizacional daquela empresa. Ele sempre faz adaptações necessárias para receber aquela máquina, os empregados são treinados, passam a dar "um trato" especial àquele novo equipamento. O ambiente muda, a auto-estima cresce, tanto do dono quanto do empregado. Com os resultados alcançados, logo outra máquina potente é comprada e, assim, ocorre a mudança no processo produtivo da empresa.

Esta lógica de transformação também ocorre quando um produtor adquire um animal de melhor qualidade genética. Com o passar do tempo muda todo o sistema de produção da propriedade.

Também no mês passado tive o prazer de ver defendida a dissertação de Paulo Henrique de Moraes, meu orientando no curso de mestrado profissional em Ciência e Tecnologia do Leite e Derivados, parceria entre Universidade Federal de Juiz de Fora, Embrapa e Epamig. Ele analisou o Rio Genética, um programa de melhoramento genético das propriedades leiteiras, criado por Cristino Áureo, secretário de Agricultura do Rio de Janeiro. Foram ouvidos 10% dos beneficiários, uma bela e confiável amostragem.

Em sete anos de existência, o citado programa já promoveu um conjunto imenso de operações em Inseminação Artificial em Tempo Fixo – a IATF. Além disso, colocou disponível 9.839 fêmeas registradas, beneficiando quase 1.500 produtores. São todos animais registrados, com produção acima de 15 kg diários de leite. Mais interessante, um programa barato, pois injetou R\$ 39 milhões nas propriedades, mas de modo sustentável, pois os produtores pagam pelo animal e os recursos voltam para a gestão do programa, ao longo do tempo.

O Paulo Henrique encontrou resultados surpreendentes. Estão satisfeitos 88,6% dos beneficiados pelo programa de melhoramento genético. Nove em dez! E os 11,4% que se disseram insatisfeitos não vetam o programa. O que querem são melhorias, que vão da expansão, ou seja, acesso a mais animais até a presença mais efetiva da assistência técnica.

O Rio Genética é alentador. Merece ser conhecido e adaptado por prefeituras e estados. Mas, é preciso reivindicar, como sugere a Carta de Juiz de Fora. Afinal, políticas públicas não nascem prontas. São construídas. Reclamar pouco ajuda. O fundamental é unir e demandar com clareza o que se deseja, pois é assim que caminha a humanidade. ■

Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, chefe geral da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.

Não é com vacas de baixa produtividade que iremos mudar o quadro de pobreza que marca nossa pecuária de leite

ENTREVISTA: ARNALDO BORGES, NOVO PRESIDENTE DA ABCZ

BALDE BRANCO



11 vezes indicada
como a melhor
revista do
setor leiteiro

Ano 51 - número 623 - setembro 2016 - R\$ 10,50 - www.baldebranco.com.br

EXPANSÃO

Administração familiar, gestão profissional e alianças estratégicas fazem produtor crescer de forma constante, em Carambeí-PR, rumo aos 30 mil litros de leite/dia

Os avanços da pesquisa bovina sobre reprodução

Bezerras: quando o aleitamento define a futura produção

Afeções de casco: como identificar, curar e prevenir